

APRESENTAÇÃO*

Dizemos que a concepção tradicional sobre o desenvolvimento das funções psíquicas superiores é, sobretudo, errônea e unilateral porque é incapaz de considerar estes fatos como fatos do desenvolvimento histórico, porque os julga unilateralmente como processos e formações naturais, confundindo o natural e o cultural, o natural e o histórico, o biológico e o social no desenvolvimento psíquico da criança; dito brevemente, tem uma compreensão radicalmente errônea da natureza dos fenômenos que estuda. (VIGOTSKI, 1995, p. 12)

Desde a década de 1980 as ideias de L. S. Vigotski, A. R. Luria e A. N. Leontiev vem sendo difundidas no Brasil. Inicialmente alguns grupos de pesquisa se organizaram para estudos das suas obras, que foram localizadas, traduzidas do russo para o espanhol e inglês e destes idiomas para o português. Certo é que muito havia a se compreender, visto que suas publicações diferiam em muito no modo de escrita mais comum entre os pesquisadores da psicologia brasileiros e, antes disso, nos próprios objetos eleitos e no modo de se desvendá-los.

Com o aprofundamento nos estudos de suas obras, elas puderam ser dimensionadas, evidenciando-se a centralidade que as unia: a defesa da formação social do psiquismo, ou da mente como comumente se divulgou/a. Enquanto a Psicologia brasileira como uma área da ciência avançava no desvendamento dos fundamentos teóricos e metodológicos dos escritos desses e de outros autores russos e soviéticos, na medida em que se avolumavam as contradições da vida societária burguesa impactando na constituição dos sujeitos, ia se tornando menos plausíveis explicações desta constituição sem se pô-la em perspectiva com as condições materiais, históricas,

A Educação foi uma das áreas que mais demandou esse desvendamento, dada a necessidade de se ter subsídios para se entender como o ensino e a aprendizagem impactariam ou se relacionariam com o desenvolvimento dos sujeitos atendidos pela escola. Desse modo, alguns conceitos da Psicologia Histórico-Cultural foram apropriados e empregados, com maior incidência, na área da Educação, mas aos poucos foram se expandido para outras áreas, inspirando estudiosos e profissionais na busca do entendimento do homem concreto, síntese das relações sociais.

Passadas algumas décadas desde esses momentos iniciais, muitas vezes nos questionam sobre quais são os conceitos principais desenvolvidos pela Psicologia Histórico-Cultural que podem auxiliar na compreensão do psiquismo humano. Entendemos que, a partir do materialismo histórico-dialético, que fundamenta essa perspectiva teórica - e sem o qual se torna muito difícil compreender a contento o objetos eleitos, os percursos metodológicos adotados, e, as derivações alcançadas pelos autores citados - a *historicidade*, no sentido de compreender como os homens, na relação de trabalho, foram se constituindo, deve guiar essa compreensão. A história dos homens, levando em conta a filogênese, a ontogênese e as condições sociais, como expõem Vygotski e Luria (1996), balizam a análise da formação do homem e do seu desenvolvimento na sociedade da sua época.

Tal fato nos levou a eleger a citação de Vigotski (1995) para começar a apresentação dessa obra que trata do desenvolvimento das funções psicológicas superiores (FPS) - aquelas que caracterizam o indivíduo como humanizado. Como este autor russo analisa, tradicionalmente as funções psicológicas superiores, tais como memória mediada, atenção

* DOI - 10.29388/978-65-86678-97-0-f.11-14

concentrada, pensamento verbal, percepção, criatividade, emoções, entre outras funções, vinham sendo compreendidas em sua época, por volta da década de 1920, como relacionadas à maturação biológica, sem fazerem distinções entre funções elementares e funções superiores, ou mesmo sem explicar essas distinções de modo convincente.

Com a citada base filosófica e metodológica, os autores da Psicologia Histórico-Cultural, em uma sociedade pós-revolução de 1917, na Rússia, trazem novos elementos para compreender o funcionamento psíquico - num momento em que tudo precisava ser revisto, até mesmo a psicologia que explicava a aprendizagem e o desenvolvimento humano.

Para tanto, diante de um contexto no qual essas explicações eram relativas à superioridade de cunho biológico/hereditário, racial, ou de classe social de dados indivíduos sobre outros, destacam a importância da apropriação da cultura para o desenvolvimento das funções especificamente humanas; analisam o processo de interfuncionalidade, deixando muito evidente que nenhuma função se constitui e se desenvolve de modo isolado das demais. Destacam ainda, entre outros aspectos, como essas funções permeiam o entendimento da realidade e a formação da personalidade. Desta forma, partem da ideia, que não basta apenas um desenvolvimento biológico para que essas funções ocorram, pois estas são mediadas, são desenvolvidas coletivamente e exigem um processo de voluntariedade em direção a compreensão e intervenção na realidade.

Essa compreensão faz uma enorme diferença para a valorização do contexto histórico-cultural que pode, em maior ou menor proporção, colaborar para o desenvolvimento humano. Em uma sociedade de classes antagônicas, sabemos que o acesso aos bens materiais e culturais não ocorre de forma igualitária - e é possível reconhecer quanto a desigualdade estrutural própria ao capitalismo não permite o pleno desenvolvimento a todas as pessoas. Assim, o acesso às produções humanas, na perspectiva da Psicologia Histórico-Cultural, é a base para que os homens possam se desenvolver. Na seara dessa formação, o processo de escolarização, socializando os conhecimentos produzidos historicamente, como propõe Saviani (2011), tem destaque, no sentido de possibilitar aos estudantes a capacidade de desenvolver a consciência da realidade vivida.

Em um processo dialético, no qual os conteúdos apropriados - conhecimentos científicos, filosóficos, artísticos, éticos configurados em conteúdos curriculares - transformam o desenvolvimento psíquico e possibilitam a apropriação de novos conhecimentos, permitindo a formação de conceitos, de novas generalizações. Sobre um primeiro equipamento biológico vai sendo erigido um edifício cultural; desde a mais tenra idade, em contato com os pares mais desenvolvidos, a criança vai tendo duplicada em si as conquistas alcançadas pela humanidade. Do plano intersíquico ao intrapsíquico, a criança/o estudante vai se formando como sujeito humanizado, tornando suas as conquistas que a humanidade realizou, num duplo processo de *apropriação* do já elaborado e de *objetivação* de novas elaborações (VYGOTSKY; LURIA, 1996; VIGOTSKI; LURIA; LEONTIEV, 2010)..

Nesse duplo processo formativo, conteúdo e forma mobilizam os homens em direção ao conhecimento, levando-os a ter uma posição ativa na realidade, podendo, na coletividade, provocar transformações na sociedade. O biológico e social, como uma unidade, conforme propõe Vigotski (1995), provocam o desenvolvimento psíquico.

Essas ideias, brevemente apresentadas, inspiraram a elaboração desta obra. A coletânea envolve pesquisadores, de algumas regiões do país, de instituições como Universidade Estadual de Maringá, Universidade Estadual Paulista – campus de Bauru e de Assis, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Universidade Federal de Uberlândia, Universidade do Oeste do Paraná, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e da Universidade de São Paulo. Pesquisadores que vêm estudando o desenvolvimento das funções psicológicas superiores e suas implicações para o processo educativo compõem o

rol de autores, que acabam constituindo uma rede de estudos e pesquisas fundamentados na Psicologia Histórico-Cultural. O que aproxima esses autores é, ainda, a valorização da escola, da apropriação dos signos, para a formação do homem em direção a um processo emancipatório.

A coletânea é constituída de 12 capítulos.

No primeiro capítulo, Silvana Calvo Tuleski, Tiago Morales Calve e Andressa Carolina Viana dos Santos a partir do conceito de “unidade” fundamentado no materialismo histórico-dialético, apresentam uma compreensão sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores enfatizando o movimento, a processualidade e a heterogeneidade destas funções. Continuam essa discussão ao trazer em Vygotski a “unidade mínima de análise” enquanto análise das funções que vai na contramão da análise formal que decompõem o conjunto em seus elementos, mas faz a análise do conjunto desses elementos enquanto unidade para não perder as propriedades deste conjunto. No final os autores abordam sobre as implicações desta “unidade mínima de análise” no processo educativo como uma forma de despatologização da aprendizagem.

Na sequência, no Capítulo 2, Renata Linhares e Marilda Gonçalves Dias Facci, tratam sobre o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, desvelando os entrelaçamentos entre o natural e o histórico-cultural para a formação destas funções. Para tanto, apresentam o método de análise por unidade, que é o signo para compreender o desenvolvimento interfuncional das funções psicológicas superiores e por fim apresentam sobre a periodização do desenvolvimento.

Dando continuidade à compreensão das funções psicológicas superiores, no Capítulo 3, Nilza Sanches Tessaro Leonardo, Zaira Fátima de Rezende Gonzalez Leal e Sílvia Maria Cintra da Silva enfatizam o desenvolvimento interfuncional das funções psicológicas superiores, abordando o funcionamento cerebral como um sistema funcional e as três principais unidades funcionais apresentadas por Lúria.

No Capítulo 4, elaborado por Adriana de Fatima Franco, Juliana Piovesan Vieira, Janaína Camargo e Fernando Wolff Mendonça, afunila-se sobre o desenvolvimento mais específico das funções psicológicas superiores, com destaque para a formação da palavra, na relação linguagem e pensamento. Trata-se de uma discussão importante quando analisamos a importância do signo, da linguagem, na formação do pensamento.

No Capítulo 5, Jéssica Bispo Batista, Mariana Cristina da Silva e Juliana Campregher Pasqualini, abordam o desenvolvimento das funções psicológicas superiores na idade pré-escolar. Discorrem sobre a imaginação e a afetividade a partir da brincadeira protagonizada, trazendo o conceito de brincadeira na Psicologia Histórico-Cultural.

A atenção é destacada no Capítulo 06, de autoria de Hilusca Alves Leite e Marcelo Ubiali Ferracioli. Os autores discorrem sobre o desenvolvimento cultural da atenção voluntária nos educandos, função esta que não se desenvolve por mero amadurecimento da idade, mas por um trabalho intencional que a demanda e a aprimora. O exposto no capítulo vai na contramão da visão biologicista e medicalizante - algo que tem sido recorrente para explicar e responder aspectos dos processos de escolarização.

O Capítulo 7, na continuidade das especificidades das funções psicológicas superiores, Ana Bárbara Joaquim Mendonça e Flávia da Silva Ferreira Asbahr apresentam uma revisão bibliográfica sobre as produções de pesquisas brasileiras no desenvolvimento da temática do autodomínio da conduta apresentada por Vigotski. Partem de dados compilados no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e contemplam o leitor com apresentação e análise de dados levantados em artigos e teses que abordam a temática da pesquisa realizada.

Uma outra contribuição, a partir de revisão bibliográfica, é apresentada por Cláudia Aparecida Valderramas Gomes e Heloisa Carli, no Capítulo 8. As autoras expõem resultados de revisão bibliográfica da relação da arte - elaboração que demanda imaginação

e processos criativos e a educação escolar, publicados em periódicos nacionais entre 2010 e 2015.

No Capítulo 9, Aline Harumi Sasaki e Marta Sueli de Faria Sforzi apresentam a relação entre a unidade afeto-cognitiva e o desenvolvimento do pensamento na educação escolar. Ressaltam a atividade no processo de desenvolvimento psíquico e os motivos da atividade e o sentido pessoal para a aprendizagem.

O Capítulo 10, escrito por Sonia Mari Shima Barroco, Neide Da Silveira Duarte de Matos e Carla Salati Almeida Ghirello-Pires, abordam a Educação Especial. As autoras discorrem sobre a reabilitação das pessoas com deficiência, problematizando a partir das Leis e da formação e recomposição das funções psicológicas superiores, a importância do processo compensatório, o que implica no desenvolvimento de novas capacidades.

Fabiola Batista Gomes Firbida, Marilda Gonçalves Dias Facci, Ana Paula Alves Vieira e Gláucia Rodrigues da Silva, no Capítulo 11, apresentam uma discussão sobre o trabalho do psicólogo escolar. Analisam que, por meio da atividade realizada com alunos com queixas escolares, pode ocorrer a potencialização das funções psicológicas superiores, compreendendo essas funções como um sistema interfuncional. Compreendem, a partir de um estudo de caso, que as intervenções do profissional podem atuar na zona de desenvolvimento proximal, atuando como mediadores na internalização dos signos pelo educando.

No Capítulo 12, Eliane Candida Pereira e Maria Eliza Mattosinho Bernardes abordam a formação continuada de professores na educação inclusiva. Destacam a importância de investir na potencialização das funções psicológicas superiores, que incide sobre o trabalho educativo.

Discussões teóricas, revisões bibliográficas, considerações sobre políticas públicas e relatos de práticas, apresentados na obra trazem contribuições que evidenciam a importância da apropriação dos conhecimentos e das elaborações humanas já efetivadas para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores nos indivíduos.

Iniciamos com uma citação de Vygotski (1995) e concluímos essa apresentação recorrendo, novamente a este autor, que afirma: “[...] é mais fácil estabelecer mil fatos novos em qualquer âmbito que um ponto de vista novo sobre uns poucos fatos já conhecidos.” (VYGOTSKI, 1995, p. 12)

Assim, esperamos que os temas aqui abordados contribuam para estabelecer fatos novos sobre as funções psicológicas superiores.

Boa leitura!

Referências

SAVIANI, D. **Pedagogia histórico-crítica**: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas, SP. Autores Associados, 2011.

VYGOTSKI, L. S. **Obras Escogidas III**. Madri: Visor Distribuciones, 1995.

VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R. **Estudos sobre a história do comportamento**: Símio, homem primitivo e criança. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

*Fabiola Gomes Batista Firbida
Marilda Gonçalves Dias Facci
Sonia Mari Shima Barroco*